

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL  
 EDITOR: ADOLFO FIALHO  
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,  
 CATARINA RODRIGUES,  
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,  
 MAGDA CARVALHO,  
 MARIA DA LUZ CORREIA,  
 SUZANA NUNES CALDEIRA

MARÇO DE 2022 • n.º 49

# AGORA

Página Facebook: <https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178> | Email: [agora.fcsh@gmail.com](mailto:agora.fcsh@gmail.com)

JORNAL  
 DA FACULDADE  
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
 E HUMANAS  
 DA UNIVERSIDADE  
 DOS AÇORES

## Nota de abertura Um mês de má sorte?

Diziam os antigos que fevereiro era um mês de má sorte e, por que queriam que acabasse depressa, tornaram-no o mais curto do ano. O AGORA procurou contrariar essa tendência e, apesar dos dias terem passado a voar, volta a partilhar um interessante conjunto de iniciativas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH).

Neste número, a rubrica *Agora* faz eco dos preparativos em curso para o acesso dos estudantes maiores de 23 anos na nossa Academia e, para os mais curiosos, a rubrica *Agora* desvenda a origem das tão apetecidas malassadas, tradicionalmente confeccionadas na altura do Entrudo (Carnaval). A *conversa escrita* faz um balanço do importante papel assumido pela Comissão de Ética da UAC na resposta às múltiplas exigências impostas pelas boas-práticas académicas.

E para afastar a má sorte e as teorias da conspiração, que pelos vistos estão na moda, convidamos os nossos fiéis leitores à leitura de um bom livro ou a uma corrida junto ao mar, na companhia de Carla Gomes e Luís Silva, em destaque nesta edição, em *Agora é hora* e *Agora deu-me para isso*.

ADOLFO FIALHO  
 (DOCENTE DA FCSH)

## Ágora

# As Malassadas: Itinerários insulares, das ilhas para o Mundo

As malassadas são uma iguaria adocicada, com origem na ilha da Madeira, no século XVI, confeccionadas na altura do Entrudo (Carnaval), provenientes do período áureo do ciclo do açúcar, de Quinhentos e que, devido à mobilidade arquipelágica existente nas ilhas do espaço geográfico da Macaronésia, facilmente esta tradição chegou aos arquipélagos vizinhos das Canárias (ilha de La Palma), Açores (ilha de S. Miguel), Brasil e posteriormente foi levada por emigrantes madeirenses e açorianos para as ilhas havaianas, no final do século XIX.

As malassadas madeirenses são fritas, em formato de pequenas bolas, que no final podem ser guarnecidas com mel de cana ou envolvidas em açúcar e canela; em São Miguel, são dispostas em formato de filhós, muito idêntico às filhoses de joelho da Beira Baixa, de Portugal Continental, sendo servidas envolvidas por açúcar branco.

As "mal-assadas", como estão mencionadas nos manuscritos de Seiscentos, encontram-se registadas em documentação conventual madeirense, desde o final do século XVII, servindo-se pela época do Entrudo. O termo deriva do facto



DIREITOS RESERVADOS

Com origem na ilha da Madeira, as malassadas são especialmente confeccionadas por altura do Carnaval.

de a massa no interior não cozer totalmente (mal-assada).

Estas aparecem no receituário na ilha de S. Miguel suportadas em dois fatores: a influência madeirense do período do povoamento, motivada pela venda da capitania de São Miguel a Rui Gonçalves da Câmara, e à consequente chegada de um contingente de indivíduos madeirenses. Em segundo lugar, à

presença da Ordem de S. Francisco que potenciou a existência de uma doçaria conventual, com grandes repercussões na atualidade.

O professor da Universidade Harvard, John White Webster (1793 - 1850), durante a sua passagem por S. Miguel, em 1820, efetua uma descrição da vida claustral das freiras nesta ilha, mencionando não só o quotidiana

do freirático e a sua comunicação com o mundo secular, mas também a arte de fazer doces e o receituário utilizado ao longo dos principais momentos do calendário litúrgico, no qual menciona a confeção das malassadas na terça-feira de Carnaval.

DUARTE NUNO CHAVES  
 (DOCENTE DA FCSH)

## Agora deu-me para isso

Luís Silva convida-nos a uma corrida pela *natureza* das suas boas memórias...

página 2

## Alumni

Fernando Moura lembra professores de excelência e colegas inspiradores

página 2

## Conversa Escrita

A Comissão de Ética da UAC faz o balanço de seis anos de atividade na Academia

página 3

## Agora

# Curso de preparação para o exame de Língua Portuguesa (M23)

O ano letivo continua a decorrer e a Universidade dos Açores (UAC) está já a preparar o acesso dos estudantes maiores de 23 anos ao Ensino Superior. É com este objetivo que decorrem, até ao próximo dia 5 de março, as inscrições para o Curso de preparação para o exame de Língua Portuguesa. Dirigido aos candidatos à UAC maiores de 23 anos, o curso terá a duração de 30 horas e decorrerá presencialmente de 14 de março a 2 de maio de 2022, em horário pós-laboral. As aulas visam melhorar as com-

MÁRIO RANGEL

Curso de preparação para o exame de Língua Portuguesa

Inscreva-se em: <https://servicosonline.uac.pt>

**+23**  
 Acesso ao ensino superior para maiores de 23

UAC  
 UNIVERSIDADE DOS AÇORES

petências de compreensão e produção de textos escritos, bem como a aplicação prática de alguns conceitos básicos do funcionamento da língua. As inscrições deverão ser feitas no portal de serviços da UAC, em <https://servicosonline.uac.pt/>. Para mais informações, consultar <https://uac.pt/pt-pt/cursos-brevves> ou o Secretariado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (tel.: 296650460, correio eletrónico: [derrick.mendes@uac.pt](mailto:derrick.mendes@uac.pt)).

ANA CRISTINA GIL  
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

# Quem corre sempre alcança

**Luís Silva é Professor Associado em ecologia, do Departamento de Biologia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade dos Açores**

Em miúdo corria na Amadora, no Parque da Cidade, que funcionava como um oásis, no meio de todo o “cimento”, onde recordo o avistamento de um guarda-rios. Também corri várias vezes na Matinha de Que-luz, uma rara parcela de flores-ta mediterrânica. Pratiquei durante muitos anos karate-do, e mais tarde ioga, pelo que, apenas há alguns anos, a corrida se tornou uma constante na minha atividade física, em especial à hora do al-

moço, seguida de um mergulho na Piscina das Portas do Mar. Em geral, corro cinco mil metros, mas, quando me sinto em forma, chego aos dez mil. Em São Miguel recordo um dia em que fui apanhado por uma forte queda de granizo - sentiam-se as pedras na face - e, mais recentemente, as corridas aproveitando as iluminações de Natal. Em Lisboa e no Porto, já corri em muitos dos parques, em especial no Jardim do Campo Grande e no Parque da Cidade. Na Serra da Estrela encontrei um trilho que me permitia correr, sempre à mesma cota. No Alentejo, as corridas pela manhã permitiam-me observar a avifauna, embora sempre atento a possíveis ameaças caninas - muitos latidos, mas sem consequências. Lembro-me de várias corridas junto ao Instituto Tecnológico em Zurique, todas elas de manhã, mas completamente no es-



“As corridas podem ser algo de transcendente... O segredo é nunca as tornar numa rotina”, partilha Luís Silva.

curo, dado que os dias eram muito curtos, e tinha que correr antes de ir para o laboratório. Em Berlim, tive oportunidade de correr no Tiergarten, junto à famosa Coluna da Vitória. Em Heidelberg, decidi subir à montanha, que era muito íngreme. Felizmente, lá atingi o cume, e depois foi sempre a descer. Em Hohe-nheim, utilizei um percurso perfeito, que atravessava campos

agrícolas e um bosque, onde realizei várias corridas, apesar do frio. Frio mesmo, apanhei em Copenhaga e em Malmö, junto ao mar, com temperaturas negativas. Corri ao longo de uma via rápida, em Roma, e também em Pavia, numa zona bem mais calma, ao longo de um canal. Recordo, com gosto, várias corridas em Londres, ao longo do Tamisa, embora com o habitual chuvisco.

As corridas podem ser algo de transcendente, que nos afasta das atividades quotidianas. O segredo é nunca as tornar numa rotina, mas sempre numa nova experiência. Afinal, o que importa é o que se encontra pelo caminho e não qualquer recompensa à chegada.

**LUÍS SILVA**  
(DOCENTE DA FCT)

## TRT Tradutores refletem sobre tradução de literatura açoriana

Decorreu, a 21 de janeiro, via Zoom, uma mesa-redonda com tradutores, sobre a tradução de literatura açoriana nos EUA. Moderada por Dominique Faria, a sessão contou com a participação de Francisco Fagundes, responsável pela versão inglesa de *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio, e de Diniz Borges e Katharine F. Baker, tradutores de *Já não gosto de Chocolates*, de Álam-o Oliveira (entre outros). A sessão sublinhou o importante trabalho de divulgação além-fronteiras da literatura açoriana levado a cabo pela comunidade

de açorianos e luso-descendentes a viver nos EUA e abordou algumas das especificidades associadas à tradução de literatura açoriana. Esta foi uma atividade conjunta do Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística, do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, e do projeto de investigação MOV, do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa.

**DOMINIQUE FARIA**  
(DOCENTE DA FCTH)

DIREITOS RESERVADOS



A tradução de literatura açoriana esteve em debate na UAc

## Alumni

### Irreverência, transformação e conhecimento

Uma certa inquietação com a desigualdade, a exclusão, a pobreza e a falta de oportunidades marcaram o início do meu percurso em sociologia. A sociologia permitiu-me entender acontecimentos e realidades complexas e debuchar-me sobre problemas sociais. Na Universidade dos Açores deparei-me com professores de excelência, colegas inspiradores, significados sociais e inspiração para a descoberta e curiosidade social. Foi lá que obtive a licenciatura em Sociologia. Promover o desenvolvimento de comunidades, a inovação e a mudança social, tornou-se um desafio profissional. O gosto por novas culturas fez-me viajar até França para realizar estágio na região de Champagne-Ardenne, depois de uma primeira experiência comunitária numa Associação. Regresso à UAc para frequentar o Mestrado em Ciências Sociais, em Desenvolvimento Local e Regional, reforçando a necessidade

de criar projetos, intervir em comunidades, formar grupos, conhecer trajetórias. Durante 10 anos, numa Associação de Jovens, tive a oportunidade de elaborar, executar e avaliar projetos de inclusão social. Alguns foram disseminados em diferentes contextos, em programas e em serviços. Fui, também, gestor de formação e mediador social junto de jovens e adultos. Numa Agência para a Defesa e Desenvolvimento da Criança e Jovem, colaborei em projetos de investigação. Apologista de que se deve investir na formação e na educação para o desenvolvimento e inovação social, tornei-me gestor e formador nas áreas de capacitação pessoal e social e de elaboração e avaliação de projetos, potenciando/valorizando as competências dos menos qualificados, reforçando as dos mais qualificados. Recentemente integrei a administração pública, na Vice-Presidência do Governo Regional dos Açores

DIREITOS RESERVADOS



**Fernando Moura é licenciado em Sociologia e mestre em Ciências Sociais pela UAc**

res - Comissariado dos Açores para a Infância, com funções nas áreas de projetos, formação, intervenção e investigação. Volvidos 20 anos, continuo seguro de que os diversos contextos onde a sociologia atua permitem-me acreditar no potencial que cada pessoa tem para transformar o seu e o mundo dos outros. Como sociólogo procuro manter o espírito de irreverência e o desejo da transformação social ao envolver-me na definição de políticas públicas e locais.

**FERNANDO MOURA**  
(ANTIGO ALUNO DA UAC)

Agora... a Comissão de Ética da UAc

# “A instalação da Comissão de Ética representou um período de grandes desafios”

Num momento de transição na academia açoriana em que muitos órgãos da UAc se renovarão no contexto da eleição do Reitor que acontece no próximo dia 11 de março, o *Agora* conversou com a Comissão de Ética (CE) criada em 2016 enquanto “órgão colegial, multidisciplinar e independente, de apoio e consulta da comunidade académica sobre questões éticas no âmbito das suas atividades”. Os docentes Alberto Duarte (Enfermagem, ESS-UAc), José Noronha Rodrigues (Direito, FEG-UAc), Magda Costa Carvalho (Filosofia, FCSH-UAc), Manuela Lima (Genética Humana, FCT-UAc) e Vítor Gonçalves (Biodiversidade, FCT-UAc), são os atuais membros desta comissão que, conforme lembram, convocando o seu regimento, tem “por missão zelar pela observância e pela promoção dos valores e princípios de honestidade, integridade, responsabilidade e dignidade da pessoa, em todas as atividades da UAc”.

**Podem resumir as principais tarefas da CE da UAc?**

De acordo com o Código de Ética da UAc, documento que rege a atuação da CE, existem três grandes áreas de atuação: a ética institucional, a ética académica e a ética na investigação. É sobretudo na última que se tem focado o nosso trabalho, isto é, na produção de pareceres relativos a trabalhos de investigação. Analisamos cerca de 15 pedidos de parecer por mês... na prática reunimos, em média, duas a três vezes em cada mês, consoante o volume de trabalho que temos.



“A equipa que constitui esta CE criou, desde a primeira hora, um ambiente dinâmico de forte espírito colaborativo”.

**Quais os desafios centrais ao longo do vosso exercício de funções?**

Sendo um requisito necessário em qualquer instituição científica e académica, a instalação da CE representou um período de grandes desafios. Foi importante o conhecimento do que se fazia nas nossas congéneres, nacionais e internacionais, assim como os contactos com colegas que, noutras universidades e centros, desempenhavam as mesmas funções. Depois, foi preciso adaptar esta estrutura à nossa realidade, de modo a corresponder às exigências e necessidades dos docentes, investigadores e estudantes e garantir que a nossa investigação cumprisse com as exigências internacionais da produção de conhecimento, no que se refere à ética. Desde então, tem sido um trabalho intenso de sensibilização da comunidade académica para a importância desta estrutura. Seis anos depois, pensamos ter deixado “obra feita”, que esperamos constitua um legado para a futura CE, nomeadamente no que se refere a metodologia e procedimentos de trabalho.

**Proteção de dados, propriedade intelectual, não discriminação e igualdade de género, responsabilidade social, preocupações ambientais: confrontamo-nos quotidianamente com**

**estas questões éticas, que estão na ordem do dia...**

Sim, talvez devêssemos destacar as questões éticas relacionadas com o tratamento da informação que, legalmente, encontram enquadramento no Regulamento Geral de Proteção de Dados. Uma vez que o surgimento internacional deste Regulamento coincidiu com o início dos trabalhos da CE, estivemos desde logo sensibilizados para as inúmeras exigências que traria em termos da proteção de dados, sobretudo no que se refere à investigação, e fomos atuando em conformidade. Esta é uma questão especialmente sensível, uma vez que a grande maioria dos projetos que chegam à CE envolvem questões éticas na investigação com sujeitos humanos. Ora, há uma série de exigências fundamentais para facilitar a transparência da relação dos investigadores com os participantes, protegendo-os e aos seus dados...

**A pandemia afetou a vida da comunidade académica e certamente também da CE...**

A pandemia chegou de modo imprevisível e afetou todas as áreas da nossa existência. As atividades académicas não foram exceção. Na investigação, muitas dinâmicas tiveram que ser suspensas por

não ser possível garantir as condições de segurança (por exemplo, no que se refere à recolha de dados que implicam contacto direto entre investigadores e participantes). De início, os investigadores, docentes e estudantes foram forçados a abrandar o ritmo de trabalho. No entanto, rapidamente encontraram outras formas de prosseguir. Isto fez com que a CE nunca tivesse suspenso as suas funções. Além disso, a UAc, à semelhança de todas as instituições congéneres, viu surgir no seu seio inúmeros projetos de investigação em torno da COVID-19. Não apenas em áreas como a saúde e o bem-estar, mas também nas ciências sociais, nas humanidades ou na psicologia.

**Qual o balanço destes anos em que integraram a CE?**

A equipa que constitui esta CE criou, desde a primeira hora, um ambiente dinâmico de forte espírito colaborativo. Foram anos de imensa e intensa aprendizagem, em que pudemos aprofundar uma série de questões relativas às exigências impostas pelas boas-práticas académicas.

MARIA DA LUZ CORREIA  
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é moda

# Teorias da Conspiração

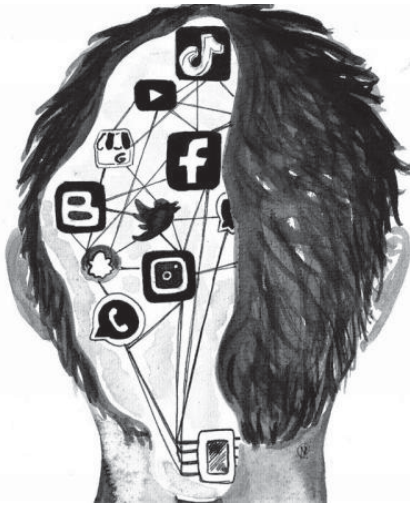


ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO MESTRADO EM PRÉ-PRÍ DA FCSH)

Depois de mortos e chipados, "aí é que se vai ver quem tinha razão".

A expressão foi cunhada em 1960 para designar a crença na existência de forças ocultas que operam visando oprimir e prejudicar a humanidade. Conheça-as melhor em nove passos:

1. O dado irrefutável: ninguém acredita em teorias da conspiração, incluindo aqueles que as formulam. A expressão carrega um estigma de ignorância e crença em hipóteses implausíveis que é inconciliável com mentes sãs em corpos sãos. Por isso, para alguns, elas são Teorias Comprovadamente Certas.
2. O enquadramento teórico: os contextos em que surgem estas teorias estão ligados à ocorrência de factos imprevisíveis e aleatórios. O corpo são é alérgico ao acaso e força a mente sã a procurar forças malignas e planos secretos que expliquem o inexplicável.
3. A dúvida no fundo do cérebro: como é que uma força maligna e

um plano secreto são tão mal preparados ao ponto de serem descobertos, mal são postos em prática?

4. A resposta na ponta da língua: há sempre uma minoria de iluminados incompreendidos (mentes ultra-sãs) que é imune às forças do mal e que tem acesso ao interruptor da verdade.

5. A fonte de informação: por mais que os factos contaminados pela maldade apontem noutra sentença, a fonte mais fidedigna para o esclarecimento da humanidade é o blogue, o YouTube, a rede social, o primo da amiga e o filme de Hollywood. Acreditar ou não nas palavras destas fontes é uma questão de fé.

6. A premissa lógica: os factos empíricos são manipulados de modo a parecerem o oposto do que são, porque os seres maléficos são todos excepcionalmente poderosos e astutos. Exemplo:

um cientista que se apresente publicamente a ser vacinado está, na verdade, a receber apenas uma dose de água numa seringa.

7. A prova formal: existem pessoas em ramos especiais da ciência que descobriram a maquinação, mas têm medo de lhes roubem o corpo são e a mente sã. São muito competentes, mas não são reconhecidas nas suas áreas. Deve quando, as mais corajosas aparecem em vídeos caseiros alertando para os perigos de nos deixarmos enganar por quem fala através de canais certificados.

8. O argumento final: as conspirações existem, embora não possam ser provadas. Se fossem, deixavam de ser conspiratórias. Daaaaah!

9. A conclusão inevitável: um dia, morreremos todos com um chip no pescoço, e aí é que se vai ver quem tinha razão.

 LEONOR SAMPAIO DA SILVA  
 (DOCENTE DA FCSH)


Agora Veja

## Um beijo sem cor

### Foto de José Vaz

Esta rubrica tem a colaboração da Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores (AFAA).

Agora é hora

# Aluna da FCSH lança o livro *Entre a Infância e o Oceano: uma literacia filosófica*

Resultado de uma investigação realizada no âmbito do Mestrado em Filosofia para Crianças, da Universidade dos Açores (UA), foi recentemente lançada a obra *Entre a Infância e o Oceano: uma literacia filosófica*, da autoria de Carla de La Cerda Gomes.

A autora, que agora é Mestre em Filosofia para Crianças, pela UA, é também licenciada em Biologia Marinha e dedica-se desde 1997 à Educação Marinha em Portugal. No âmbito desta atividade, Carla Gomes, que reside na ilha do Faial, fundou o Movimento Oceans-On® a partir de uma perspetiva transdisciplinar que cruza os olhares da ciência, da educação, das artes e também da filosofia.

Enquanto mentora do Movimento Oceans-On®, Carla Gomes realiza diversas atividades para bebés, crianças e famílias, colocando em prática uma abordagem interativa a partir de vivências exploradoras e expressivas. Através de um conjunto de recursos - materiais pedagógicos e personagens - Carla concebeu o "Planeta Oceans-On" visando diferentes propostas de reflexão e interação ambiental ([www.oceans-on.com](http://www.oceans-on.com)).

O livro que agora se publica insere-se assim nos trabalhos anteriores da autora, propondo que a Educação Marinha e a Literacia do Oceano recuperem as vozes da Infância, ressignificando o papel das crianças nesse movimento. Deste modo, Carla Gomes afirma uma ação ambiental empenhada e comprometida. *Entre a Infância e o Oceano: uma literacia filosófica* vem a lume no começo da Década da Ciência Oceânica, promulgada pela UNESCO (2021-2031), revelando a sua profunda atualidade e pertinência. O livro conta com prefácio de Ricardo Serrão Santos, sendo editado pelo Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, sendo de acesso gratuito no site da NEFI Edições ([flooduc.org/nefiedicoes](http://flooduc.org/nefiedicoes)).

Carla Gomes é ainda membro colaborador do NICA: Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente, da Universidade dos Açores. A FCSH está, mais uma vez, orgulhosa dos seus estudantes e deseja as maiores felicidades à autora!

 MAGDA CARVALHO  
 (DOCENTE DA FCSH)

DIREITOS RESERVADOS



Carla Gomes é Mestre em Filosofia para Crianças pela UA.

### Ficha Técnica

Adolfo Fialho, Ana Cristina Gil, Carla Medeiros, Dominique Faria, Duarte Nuno Chaves, Fernando Moura, José Vaz, Leonor Sampaio da Silva, Luís Silva, Magda Carvalho, Maria da Luz Correia e Mário Rangel.